

Editorial

O presente número da *Revista Estudos Hegelianos* reúne contribuições do V Congresso Internacional da Sociedade Hegel Brasileira, que foi realizado nos dias 28 de setembro até 2 de outubro de 2009 em Fortaleza, sob o título “*A noiva do Espírito: Natureza em Hegel*”. Pesquisadores reconhecidos do Brasil e do exterior enfrentaram o desafio de discutir uma parte do pensamento hegeliano que tem sido negligenciada por muito tempo: sua filosofia da natureza. Pode-se dizer que só em pesquisas mais recentes a significância sistemática do pensamento hegeliano sobre a natureza começou a ser descoberta e sua importância destacada, justamente, por autores que levam em conta o desenvolvimento recente da física e de outras ciências. A questão de em que medida a filosofia hegeliana da natureza pode ser entendida no sentido de uma metafísica da natureza que está implícita na física moderna esteve em foco na palavra de abertura do então presidente da Sociedade Hegel, Alfredo Moraes, que abre também este número da REH.

As contribuições escolhidas para este número discutem aspectos fundamentais da filosofia hegeliana da natureza: sua fundamentação numa “Lógica”, o conteúdo específico do conceito de natureza estabelecido nela, e a estrutura do seu desdobramento interno. A questão da relação entre a Lógica e Filosofia da Natureza envolve, por um lado, o problema do sentido da “passagem” da Lógica para a Filosofia da Natureza e, por outro lado, como as estruturas desenvolvidas na Lógica estão presentes na Filosofia da Natureza. As contribuições de Diogo Ferrer e Jorge Fernández tratam dessas questões. A noção de que a ideia absoluta, ou seja, a totalidade que é o resultado de todo o desdobramento da Lógica, é, ao mesmo tempo, um novo começo, está em foco no trabalho de Fernandez. Conforme o autor argumenta, entender essa concepção exige considerar a correspondência entre o movimento do começo da Lógica – a negação do “ser” -, e a passagem da ideia para a natureza, na qual se revelaria a estrutura circular do pensamento hegeliano. Diogo Ferrer aborda a presença das estruturas da Lógica na Filosofia da Natureza ao analisar o conceito hegeliano de “vida” no seu nível lógico e natural, destacando o papel do conceito de espécie, que nos dois níveis não seria interpretado de modo essencialista, mas no sentido do universal concreto.

O conceito de natureza e a estrutura interna da Filosofia da Natureza de Hegel estão em foco nas contribuições de Gilles Marmasse, Anton Koch, Márcia Gonçalves e Marcos Nicolau. A análise de Marmasse concentra-se na caracterização hegeliana da natureza como exterioridade na qual a unidade do conceito está ausente, mesmo que ela tenda a tal unidade, sendo assim “exterioridade contraditória”. Uma consequência importante disto, enfatizada pelo autor, é que uma filosofia da natureza no sentido de Hegel deve pensar a alteridade da natureza como tal, em vez de extingui-la numa

logificação completa. Anton Koch põe o conceito hegeliano de tempo e espaço no contexto de uma problematização da Estética Transcendental de Kant. Segundo a argumentação de Koch, a concepção kantiana do tempo e do espaço como intuições não explica a mediação do tempo e do espaço com nosso pensamento discursivo, a solução deste “enigma” sendo justamente o objetivo da dedução hegeliana de tempo e espaço como conceito na sua exterioridade.

Márcia Gonçalves interpreta a Filosofia da Natureza de Hegel como resposta ao projeto de uma física especulativa defendido por Schelling. Segundo a autora, Hegel adota o projeto schellingiano de uma filosofia da natureza que critica o pensamento mecanicista ao reconstruir uma passagem do pensamento mecanicista para a perspectiva organicista, na qual o primeiro se evidencia como delimitado e inadequado. No entanto, o modo como Hegel realiza tal projeto orientar-se-ia por um método diferente, na qual a organicidade da natureza não opera mais como pressuposto imediato. O artigo de Marcos Nicolau discute uma questão acerca do processo de formação da filosofia hegeliana da natureza: na divisão do período em Nuremberg, a primeira seção da filosofia da natureza é a “matemática”, e não a mecânica, como na *Enciclopédia*. Conforme o autor, entender o porquê dessa mudança na divisão da Filosofia da Natureza é decisivo para compreender o lugar da matemática no pensamento de Hegel.

Por fim, a relação intrínseca da natureza com o espírito, que é constitutiva para o próprio conceito hegeliano de natureza, é elucidada na contribuição de Bernard Bourgeois, retomando e aprofundando a metáfora da natureza como “noiva” do espírito que deu ao congresso seu título.

Agradeço ao organizador do V Congresso Internacional da Sociedade Hegel, Konrad Utz, pela sua colaboração. Agradecimentos também aos tradutores: José Pertille, Kleber Amora, Greice Barbieri e Matheus Pelegrino, e a Danilo Vaz-Curado, que cuidou do layout.

Espera-se que este número da *Revista Estudos Hegelianos* contribua para a atualização da Filosofia da Natureza de Hegel - bem como o próximo número da revista, que vai continuar a publicação de contribuições do congresso dedicadas à mesma temática.

**Hans Christian Klotz (UFG),
Editor**